

Vieira identifica o Desejado com D. Sebastião, D. João IV, D. Afonso VI, D. Pedro II (VIEIRA, 2014, 26): o que subsiste sempre é a promessa ela mesma.

Quanto ao futurismo, vale lembrar que se integra no complexo de ideias e de experiências que marcaram indelevelmente o séc. XX, sob o nome de “modernismo”, sendo uma sua ponta de lança. Foi já notado que “[a]s explorações dos artistas futuristas tiveram grande impacto no dadaísmo, no concretismo, na tipografia moderna e no design gráfico pós-moderno” (NETO, 2014, 128). Acrescentaríamos o surrealismo, pelo modo como os futuristas exercitaram uma acentuada liberdade vernacular que lhe seria cara. Por outro lado, o impacto do futurismo decorre também da sua cumplicidade com ideologias e regimes totalitários – em Itália, em Portugal, na União Soviética –, onde o seu empenho de militância ativa se traduziu na apologia da guerra, da revolução e do autoritarismo.

Bibliog.: A. S., “Elogio da loucura”, *A Capital*, 15 abr. 1917, p. 2; GUIMARÃES, Fernando, *Poética do Saudosismo*, Lisboa, Presença, 1988; JÚNIOR, António Salgado, *História das Conferências do Casino (1871)*, Lisboa, s.n., 1930; NEGREIROS, José de Almada, “1a conferência futurista”, *Portugal Futurista*, n.º 1, 1917, p. 35; NETO, Vítor, “Futurismo”, in ROLLO, Maria Fernanda (coord.), *Dicionário de História da I República e do Republicanismo*, vol. II, Lisboa, Assembleia da República, 2014, pp. 127-131; PESSOA, Fernando, *Crítica: Ensaios, Artigos e Entrevistas*, ed. Fernando Cabral Martins, Lisboa, Assírio e Alvim, 2000; VIEIRA, António, *Apologia*, coord. Adma Muhana, Lisboa, Círculo de Leitores, 2014; *Id.*, *Autos do Processo de Vieira na Inquisição*, coord. Adma Muhana, Lisboa, Círculo de Leitores, 2014a; *Id.*, *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício*, coord. Paulo Borges, Lisboa, Círculo de Leitores, 2014b.

JORGE BASTOS DA SILVA

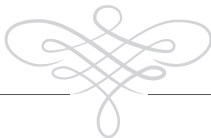
Antigalenismo

Seguindo Hipócrates de Cós (460-377 a.C.), Galeno (129-c. 210) de Pérgamo ficou na história como o mais célebre médico da Antiguidade. Por volta do ano 170, demonstrou pela primeira vez que as artérias conduzem sangue e não ar, como até então se acreditava; no campo da anatomia, distinguiu os ossos com e sem cavidade medular; e, mais que tudo, tornou-se famoso no campo da medicina pela teoria dos quatro humores, aperfeiçoamento e desenvolvimento da teoria humoral de Hipócrates.

Segundo Galeno, toda a atividade do corpo humano seria regulada por via dos quatro humores do organismo: o sangue, pela atividade do coração; a linfa ou fleuma, pela atividade do cérebro; a bílis amarela, pela atividade do fígado; e a bílis negra, pela atividade do baço. Do ponto de vista fisiológico, as funções destes

Cláudio Galeno (129-c. 210).





humores eram dirigidas por três espíritos: o espírito vital, com sede no coração; o espírito natural, com sede no fígado; e o espírito animal, com sede no cérebro. A atividade específica de cada um dos quatro humores estava relacionada com os quatro elementos da natureza – a terra, a água, o ar e o fogo –, cada um deles contendo uma certa quantidade de calor, frio, secura e humidade, as quatro qualidades inerentes à sua essência. A quantidade relativa destas qualidades em cada humor poderia variar com o tempo, quer devido a fatores externos, como o aquecimento ou o resfriamento para além do nível apropriado, quer devido a fatores internos, como as excreções originadas na ingestão de qualquer alimento. Uma composição equilibrada destas quatro qualidades em cada humor traduzir-se-ia num estado de bem-estar, num estado de saúde; uma composição desequilibrada, por excesso ou deficiência, de qualquer

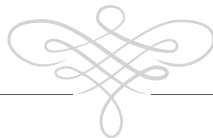
delas traduzir-se-ia num estado de maior ou menor mal-estar, a doença, de que seriam sintomas a dor, a fúria, a insónia, o aborrecimento, a loucura, a melancolia, as paixões desequilibradas, etc.

A predominância de um dos quatro humores determinaria o temperamento da pessoa: os fleumáticos tinham como humor predominante a linfa; os sanguíneos, o sangue; os coléricos, a bÍlis amarela; e os melancólicos, a bÍlis negra. A perturbação do estado de equilíbrio natural da composição humoral, a doença, deveria ser tratada pelo restabelecimento do estado de equilíbrio dos humores que fora perturbado. O médico deveria, pois, tentar descobrir qual tinha sido a alteração em quantidade de calor, frio, secura e humidade no humor ou nos humores perturbados. Uma vez descoberta essa alteração, tudo deveria fazer para a anular, repondo o dÉfice ou retirando o excesso da quantidade de calor, secura, frio ou humidade encontrados. Para tanto, impunha-se-lhe utilizar os medicamentos que tivessem propriedades opostas às da causa da doença. Tratava-se duma cura pelos contrários.

Galeno classificou os medicamentos a utilizar em três grandes grupos, segundo um critÉrio fisiopatolÉgico humoral: o primeiro grupo incluía os simples, *i.e.*, aqueles que possuíam apenas uma das quatro qualidades, seco, húmido, quente ou frio; o segundo grupo era o dos *composita*, que possuíam mais do que uma qualidade; o terceiro grupo incluía os que atuavam segundo um efeito específico inerente à própria substância, como sejam os purgantes, os diuréticos, os eméticos, etc. Só nos reinos animal e vegetal poderiam ser encontradas substâncias com propriedades bastantes para o efeito, porque só aí seria possível encontrar qualquer dos três espíritos atuantes sobre as funções dos humores.

Folha de rosto de *Aurora Medicorum Galeno-Chymicorum*, de Johann Freitag.





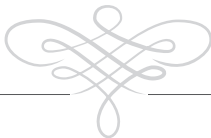
Bem aceite e praticada, a medicina galênica impôs-se com incontestável aceitação no Império Romano do Ocidente, onde nascera, e, através de Alexandria, facilmente se estendeu às práticas médico-farmacêuticas bizantinas. Com a conquista de Alexandria pelos árabes, o galenismo tornou-se o nervo técnico da própria medicina do islão. Ao longo de toda a Idade Média, foi aceite e considerada praticamente infalível, sendo praticada e consagrada como a medicina oficial.

O misticismo, o neoplatonismo e o gnosticismo que prevaleceram na Idade Média, lado a lado com a crescente expansão da ciência árabe, foram dominados por um grande fascínio pela mineralogia e pela alquimia, quer na sua componente espiritual de transformação do homem em ser divino, quer na procura da pedra filosofal que permitisse a transformação dos metais vis em metais nobres e a preparação do elixir da longa vida, o que levou a um grande desenvolvimento das técnicas laboratoriais. A utilização destas na prática da medicina tornou-se inevitável, servindo e ajudando na preparação de novos e mais eficazes remédios, permitindo igualmente, inclusive, a utilização de algumas substâncias minerais para o efeito. Desta prática resultou, pouco a pouco, já quase na parte final da Idade Média, o questionamento da composição elementar das substâncias, tendo em consideração os quatro elementos materiais de Empédocles consagrados pela filosofia e a autoridade de Aristóteles, bem como os espíritos vitais de Hipócrates e Galeno.

Em contracorrente com o movimento renascentista, apaixonado e seduzido pelo esplendor da cultura da Antiguidade, verificou-se o aparecimento de uma forte corrente de rejeição e luta contra os sistemas de Aristóteles e Galeno. No séc. xv, o médico suíço Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von

Hohenheim, de seu pseudónimo de Paracelso (1493-1541), tornou-se o grande paladino dessa luta. No seu hermetismo, defendeu o princípio duma rigorosa correspondência e analogia entre o macrocosmo (o universo exterior ao homem) e o microcosmo (o universo do corpo humano), afirmando existir entre ambos uma relação constante e recíproca. Para ele, o verdadeiro médico deveria encontrar a verdade apenas e só nos dois livros divinos: a revelação – a Bíblia – e a criação – a natureza. Na sua interpretação da criação, secundarizando a teoria dos quatro elementos da filosofia de Aristóteles e rejeitando veementemente a teoria humoral de Galeno, defendeu uma química apoiada nos *tria prima*, o enxofre, o mercúrio e o sal, e uma medicina centrada nos *arcana*, os arcanos, princípios incorpóreos eternos com o poder de transmutar os doentes, negando qualquer valor à prática da medicina galênica e defendendo em seu lugar uma medicina em que ao médico caberia preparar os *arcana* e em cada um deles descobrir, utilizando todos os métodos químicos possíveis, a força inata e vital neles oculta como sua quinta-essência, o seu *archeus*. A missão do médico seria prepará-los, manuseando devidamente o calor com o calor, o frio com frio, o húmido com o húmido, o seco com o seco, etc., na convicção de que o similar se cura pelo similar, uma conceção totalmente oposta à defendida por Galeno. O objetivo da prática química deveria ser a preparação dos arcanos; a química deveria ser iatro-química ou química espagírica, *i.e.*, votada à cura das doenças.

Contra as práticas da medicina galênica, Paracelso defendeu que quase todos os minerais submetidos a análise podiam revelar-se eficazes e detentores de grandes segredos curativos e vivificantes, que possibilitariam novas combinações, eficazes



Folha de rosto de *De Humani Corporis Fabrica*, de Andreas Vesalius (1514-1564).

no tratamento de certas doenças mentais ou físicas. Não lhe passou despercebido que qualquer substância dotada de vida orgânica, embora aparentemente inerte, encerrava grande variedade de potência curativa.

Ainda em vida, e sobretudo nos anos que se seguiram à sua morte, foi grande o número de praticantes de medicina que se tornaram fiéis discípulos e seguidores de Paracelso, os chamados paracelsianos. Ao longo dos sécs. XVI e XVII, seguiram-no na sua doutrina e prática os mais notáveis médicos e praticantes de farmácia dos mais influentes centros culturais do mundo ocidental. Com efeito, foram paracelsianos, negando expressamente a medicina galénica, entre outros, Jean Baptiste van Helmont (1579-1644), Petrus Severinus (1542-1602), Robert Fludd (1574-1637), G. Bernard Penotus

(c. 1520-1620), Joseph Duchesne, conhecido como Quercetanus (c. 1544-1609), Leonnard Thurneisser (1530-1596), Oswald Crollius (c. 1560-1609) e Jean Béguin (1550-1620), o grande responsável pela escola química do Jardin du Roi. Iatroquímicos convictos, todos eles combateram a medicina galénica. A este combate foram juntar-se os avanços verificados no domínio da anatomia, particularmente com as *Tabulae Anatomicae* (1538), o *De Humani Corporis Fabrica* (1543), de Vesalius (1514-1564), e o estabelecimento da filosofia mecanicista, que conduziriam à total rejeição do que restava da autoridade de Galeno.

Em Portugal, Jacob de Castro Sarmiento (1691-1762), no “Preface historico” da sua obra *Matéria Médica Physico-Histórico-Mechanica*, publicada em 1735, ao mesmo tempo que tece grandes elogios a Galeno, considerando-o “o maior estudante e o melhor médico do seu tempo”, “o mais grande Médico de todos, e o de maior talento depois de Hipócrates”, um caso de “invulgar erudição e sistematização” (SARMENTO, 1735, XXXIII), não se inibe de fazer grandes críticas ao seu contributo para a medicina, afirmando que “pela sua Especulação e Discurso, deixou nas suas obras o maior fundamento para perpétuas disputas” (*Id., Ibid.*). Na opinião de Castro Sarmiento, Galeno foi, por um lado, “o maior restaurador do Sistema de Hipócrates, em oposição aos Metódicos, que até ao seu tempo se tinham conservado com reputação” (*Id., Ibid., XXX*), mas também “levou as suas especulações, muitas vezes, demasiado longe e multiplicou muitas sem necessidade [...]”; por exemplo, os seus Temperamentos e os seus Pulsos, sobre os quais arrazoava larga, e livre, mas não justamente, por falta do melhor conhecimento de algumas coisas, que não chegou a alcançar, e que só a Anatomia e Filosofia experimental dos

Modernos podiam descobrir” (*Id., Ibid.*, XXXIII). Considerando tudo isto, Castro Sarmiento assume uma clara posição de rejeição da autoridade de Galeno. “Não é possível”, observa, “deixar em silêncio a grande injúria e dano, que fez à Medicina, pela demasiada subtileza, com que confundiu várias partes dela, com os seus *Elementos, qualidades*, e outras quimeras semelhantes: injúria e dano em um Homem do seu talento, e capacidade, que não merece perdão totalmente. E o que é mais para admirar, é, que tendo Galeno a melhor opinião da doutrina de *Hipócrates*, e sabendo melhor, que muitos, a grande utilidade da *Observação*, e parte Prática, ninguém fez mais do que ele por apartar-se dela, para a *Especulativa*, e incerta, (talvez por desesperar de chegar por aquele caminho, a ter o mesmo nome, que Hipócrates tinha ganhado) e o geral dos Médicos depois dele fizeram o próprio, porque acharam mais fácil satisfação nos princípios de Galeno, e de menos trabalho para se fazerem grandes nos olhos do Povo” (*Id., Ibid.*, XXXIV).



Bibliog.: DEBUS, George Allen, *The Chemical Philosophy*, 2 vols., New York, Science History Publications, 1977; KORCHER, P. H., “Paracelsian medicine in England (ca. 1570-1600)”, *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, vol. 2, 1947, pp. 451-480; MULTHAUF, Robert P., “Medical chemistry and the ‘paracelsians’”, *Bulletin of the History of Medicine*, vol. 28, 1954, pp. 101-126; *Id.*, “J. B. van Helmont’s reformation of the galenic doctrine of digestion”, *Bulletin of the History of Medicine*, vol. 29, 1955, pp. 154-163; SARMENTO, Jacob de Castro, *Matéria Médica Physico-Histórico-Mechanica*, London, s.n., 1735.

ANTÓNIO M. AMORIM DA COSTA

Antigalicismo

No séc. xvii, a língua portuguesa revela-se um lugar de encontro de civilizações e de culturas. Essa multiculturalidade reflete-se, designadamente, na presença de um considerável conjunto de vocábulos estrangeiros no sistema linguístico português: primeiramente, predominam os castelhanismos; depois, os italianismos; finalmente, os galicismos.

O uso de palavras de origem francesa (nas áreas da filosofia, literatura, arte, arquitetura, moda, gastronomia, entre outras) deve-se, fundamentalmente, à presença das tropas francesas em Portugal no tempo de D. João IV, à representação das tragédias francesas nos teatros nacionais, ao influxo dos enciclopedistas e à importância crescente da moda na vida pública e privada.

Efetivamente, como refere Carolina Michaëlis, França é “mestra diletta e gloriosa” em vários domínios (VASCONCELOS, 1946, 324), sendo-o, particularmente, no da linguagem e da literatura. Neste contexto, erguem-se algumas vezes discordantes do emprego de galicismos, sendo essa discordância uma defesa da individualidade e da autenticidade da língua portuguesa. Lembremos, a título ilustrativo, Francisco José Freire, que, na obra *Reflexões sobre a Língua Portuguesa*, aponta o séc. xvii como a época em que se inicia a degenerescência do idioma português, apresentando como causa dessa degradação o facto de nele “se admitirem sem discernimento vozes estranhas” (FREIRE, 1842, V-VI). Isto porque um escritor deve cultivar sempre a pureza da língua, o que pressupõe a utilização de termos e de